CERCO FIXO FLUTUANTE

UMA ARTE DE PESCA SUSTENTÁVEL

CERCO FIXO
FLUTUANTE
UMA ARTE DE PESCA SUSTENTÁVEL

Aline Lamoia

A estruturação do projeto "CERCO FIXO FLUTUANTE – uma arte de pesca sustentável" foi viabilizada a partir do edital do Desafio BIG 2050 – edição 2017. O Desafio é parte da Iniciativa BIG 2050, ação vinculada ao Projeto BIG – Gestão Integrada do Ecossistema da baía de Ilha Grande. O Projeto BIG atua desde 2011, a partir de uma parceria entre a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e o Instituto Estadual do Ambiente do Estado do Rio de Janeiro (INEA), contando com o financiamento do Fundo Global para o Meio Ambiente (Gef). O objetivo básico do Projeto BIG é contribuir para estruturação de um modelo de conservação e uso sustentável de longo prazo para os ecossistemas continentais, marítimos e insulares da baía da Ilha Grande.

A FIPERJ – Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro, órgão de fomento à atividade pesqueira, se tornou parceira da Iniciativa BIG. A FIPERJ atua em benefício da sociedade auxiliando o pescador e o aquicultor a acessar as políticas públicas específicas para o segmento, elaborando projetos de crédito que possibilitam a aquisição de petrechos e o custeio das operações de pesca e produção da aquicultura. A Fundação também presta assistência técnica nos assuntos de regularização de áreas destinadas a produção aquícola e coordena o Projeto de Monitoramento da Atividade Pesqueira – PMAP, que é a coleta de dados da cadeia produtiva em todo litoral do Estado, com o objetivo de evidenciar a importância e o tamanho do setor pesqueiro no Estado do Rio de Janeiro, contribuindo para o desenvolvimento pesqueiro e aquícola fluminense.

Esta publicação é parte do projeto "CERCO FIXO FLUTUANTE – uma arte de pesca sustentável". O trabalho objetiva contar um pouco da história do petrecho, passando por seu arranjo produtivo e pelo caráter sustentável de sua produção. Além desse impresso, a iniciativa conta com um levantamento quantitativo e qualitativo dos cercos da BIG, com um programa de monitoramento das espécies (as capturadas e as devolvidas ao mar) e um relatório técnico detalhado. O propósito final da FIPERJ é contribuir e fomentar o reconhecimento legal dessa arte pelos órgãos competentes. Apesar de quase um século de prática, o cerco fixo flutuante não é protegido pelos instrumentos legais, fato que deixa os pescadores à margem das políticas públicas de fomento e sem a real garantia do direito de pesca e uso deste modelo como atividade profissional.

Saiba mais sobre a Iniciativa BIG 2050: www.big2050.org
Saiba mais sobre a Fiperj: www.fiperj.rj.gov.br.

A BAÍA DA ILHA GRANDE

A baía da Ilha Grande (BIG) abrange, integralmente, os municípios de Angra dos Reis e Paraty e parte do município de Mangaratiba (distrito de Conceição de Jacareí), localizados ao sul do Estado do Rio de Janeiro. A região possui área aproximada de 1,8 mil km2 e cerca de 250 mil habitantes (fonte: INEA).

A BIG comporta variados ambientes e uma costa bastante entrecortada, com pequenas enseadas semi-abrigadas e um relevo marinho que se aprofunda a pouca distância dos costões rochosos. Tema de diversos estudos e pesquisas, suas características são extensamente descritas em livros e artigos. Todavia, a complexidade e riqueza de seu ecossistema desafiam a ciência e o conhecimento tradicional a descobertas contínuas.

Entre os setores econômicos presentes na região que fazem uso do espaço marítimo, destacam-se o turismo, a pesca e a maricultura. A atividade portuária, a indústria naval, indústria de petróleo e gás e o setor energético também compõem esse cenário. Vale destacar ainda, que pela característica geográfica local, com diversas ilhas e comunidades insulares, o mar é amplamente utilizado para fins de locomoção. A convivência de todos esses agentes nem sempre é harmônica. Diferentes conflitos e disputas são registrados pela atuação de todos esses componentes. Infraestrutura insuficiente, deficiência de regulação e sobre-explotação destacam-se entre os principais problemas já identificados.

A baía da Ilha Grande é um dos maiores polos pesqueiros da costa brasileira. A pesca é, portanto, de importância estratégica para a região. Além de constituir fonte de alimento, a atividade também contribui com o sustento de centenas de famílias locais. As artes de captura são várias, adaptando-se às condições regionais e às espécies que se pretende apanhar. A sua prática centenária e conhecimentos por ela gerados constituem elementos básicos da cultura caiçara.

Por todos esses motivos, zelar pelo equilíbrio ambiental não é somente fundamental, mas vital para manutenção de todos os usos já inseridos na BIG.

A coexistência de atividades na BIG, a pesca artesanal e a circulação de navios petroleiros. Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Cerco de pesca
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

O CERCO FIXO FLUTUANTE

O “Cerco Fixo Flutuante”, também chamado de Cerco Fixo ou Cerco Flutuante, é uma armadilha bem sucedida para captura de peixes que possuem hábitos migratórios, confinando-os vivos até o momento da despesca.

Sempre instalado próximo aos costões, local de passagem dos peixes, o cerco é composto pelo “caminho”, pelo “rodo”, pela “boca” e pelo “sacador”. O caminho (também chamado de espia) tem por finalidade mudar a trajetória do peixe obrigando-o a ir em direção a boca ou entrada do cerco propriamente. A disposição da boca é arranjada de maneira que, uma vez dentro do cerco, o peixe tenha dificuldade de encontrar a saída. A rede do rodo deita no fundo marinho formando uma grande “bolsa”, sustentada na superfície por boias e mantida no local por poitas ou âncoras.

O período de cada pescaria do cerco é chamado de “arriada”, que varia entre 15 a 21 dias. O lucro é o somatório total da pescaria nesse período e a divisão se dá por partes, o mestre (dono do cerco) geralmente recebe a metade e os demais tripulantes dividem o restante em partes iguais.

Foto: André Luiz de Araujo

De modo geral, o cerco possui as seguintes características:

Caminho - rede suspensa por cabos, mantido na superfície por flutuadores de bombonas plásticas e pequenas boias. A medida de comprimento varia conforme as características do local (distância do costão) onde está instalado.

Boca - abertura voltada para o costão que se encontra com o caminho. O cerco pode ter uma ou duas bocas, dependendo do lado que ocorra a migração dos peixes. A medida da boca pode atingir 4,5 braças (aproximadamente 8 metros).

Rodo - consiste de um cabo que varia de 60 a 80 braças de circunferência (102 a 136 metros de circunferência) mantido na superfície por flutuadores, fixados em forma circular por várias poitas ou âncoras. A rede do rodo geralmente tem abertura (tamanho) de malhas que variam entre 40 a 70 milímetros, só reduzindo a abertura da malha no sacador.

Sacador - rede de malha pequena (10 a 12 mm), em forma de saco, com fio grosso para sustentar os peixes no momento da despesca.

As alturas da rede do caminho e do rodo também dependem da profundidade local, já que o fundo de ambas as redes se deitam no leito marinho.

Foto: Luiz Eduardo de Araujo

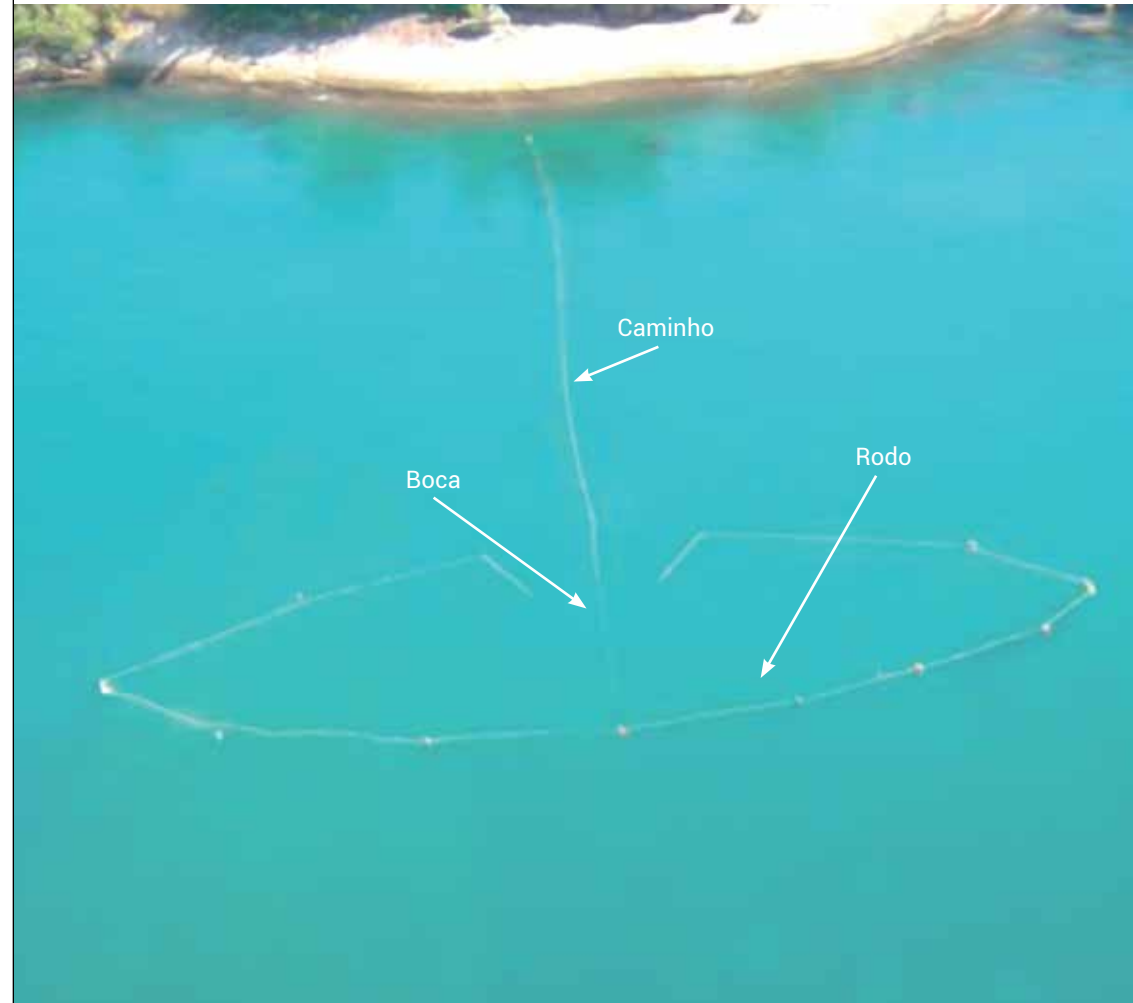



Foto: autor desconhecido

Luiz Eduardo de Araujo

A FAINA

A técnica de captura do cerco fixo flutuante é relativamente simples, consiste na entrada do peixe dentro da armadilha de forma passiva. A despesca ocorre de 2 a 4 vezes ao dia, dependendo do volume de captura. Cerca de 5 a 8 pessoas participam do trabalho e se dividem em duas canoas. Primeiro a boca é fechada e a rede é recolhida gradualmente de forma a encurralar o peixe no sacador.

As visitas ao cerco iniciam bem cedo, ao nascer do sol, para captura do peixe que entrou a noite.

Saída para primeira visita do dia, ao amanhecer.
Foto: No tempo do Dashico/IPHAN

O cerco está cheio de peixe, se a maré vier muito forte e levantar a rede, se for muito forte e colar uma boca na outra o peixe não sai. Mas, se ficar um pouco aberta, sai e não fica um. O cerco é uma rede que só trabalha com maré parada, correnteza de maré não tem peixe, lua cheia e lua nova não presta para cerco. A não ser que você esteja fazendo ponto na boca do cerco, na virada da maré, o peixe entra, entrou a maré, você vai lá no bote e levanta a rede, prendeu, não sai mais. Por que se na lua nova ou cheia, quando a maré corre muito forte, se entrar um bocado de peixe e uma maré, o peixe sai todo.

Almir da silva – mestre de cerco.

Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Foto: No tempo do Dashico/IPHAN

"Nós trabalhamos com 7 camaradas, minhas netas e filhas também vão para cerco e meu filho mais velho é o cabeça junto comigo, ele é que leva o peixe para Angra.

A gente visita o cerco duas vezes ao dia, mas quando dá peixe, mata mesmo, aí vamos três vezes.

Eu comecei a trabalhar com 7 anos, primeiro na roça, o dia todo, vinha de noite para casa, então só conheço preguiça de caça...

Sr. Domingos da Silva – mestre de cerco

Os pescadores se dividem em duas funções, primeiro dois membros em uma canoa se encarregam de fechar a boca do cerco, impedindo que os peixes escapem da armadilha...

Tripulantes começam a fechar a boca do cerco – à esquerda da foto.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

À direita, tripulantes do cerco fecham a boca para evitar a fuga dos peixes. À esquerda, os demais tripulantes começam a puxar a rede.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo.

...depois, com a boca do cerco fechada, os demais pescadores em outra canoa começam a colher a rede até que os peixes sejam encurralados no sacador.

Tripulantes colhendo a rede para encurralar o peixe no fundo do sacador.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Os peixes são despescados em estruturas chamadas de sarrico, semelhante a um de puçá de mão, formado por uma haste comprida e resistente ou são puxados da rede do cerco direto para dentro da canoa.

Recolhendo a rede.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

A canoa corre lateralmente para o centro do rodo, conforme a rede é colhida.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Quando a tripulação colheu a rede até o sacador, as duas canoas se dispõem lado a lado, formando uma rede menor onde os peixes estão aglomerados e prontos para serem despescados.

Com os peixes aglomerados, inicia-se a despesca.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Sacador sendo puxado para dentro da canoa, os peixes são despescados do cerco direto para a canoa.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Peixes sendo transferidos da canoa para o barco onde serão gelados e entregues ao mercado
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Foto: No tempo do Dashico/IPHAN

É uma pesca complicada e com muita sabedoria.

São oito pessoas que trabalham, até com sete trabalha, mas as vezes um quer sair, descansar, então eu trabalho com oito. Cinco e meia da manhã, no clarear do dia, todos sabem que tem visita no cerco, de acordo com a maré, ..., com ela vazia não dá peixe no cerco, quando a maré vai enchendo é que a gente vai visitar o cerco.

Então visita de manhã cedinho, durante o dia e a noitinha também.

Almir da Silva – mestre de cerco

O sucesso do cerco está em que, sendo o peixe estúpido, não sabe dar marcha à ré e batendo no obstáculo, começa a contorná-lo, encaminhando-se para a porta do rodo.

(depoimento de caiçara a Gioconda Mussolini, 1946)

Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Foto: No tempo do Dashico/IPHAN

E a faina continua...

Com o término da arriada, o cerco é retirado do mar, e na praia, são feitos os reparos na rede, um preparo fundamental para o próximo período de pesca.

Tripulante fazendo reparo na rede, após a arridada.
Estes reparos preparam o cerco para o próximo período de pesca.
Foto: Paulo Márcio Santos Costa

O cerco não pode passar de 20 dias no mar, se não corre o risco de perder o cerco. O limo (algas) que gruda na rede faz com que ela fique pesada e se entrar uma maré muito forte, por ela estar muito suja é capaz de descolar e ir embora. Isso aconteceu com Sr. Domingos, quase perdeu o cerco.

Almir da Silva – mestre de cerco.

Tripulante do cerco fazendo reparos na rede.
Foto: André Luiz de Araujo

O uso comunitário dos pontos de cerco – Trindade, Paraty

"Surgiu por uma demanda da comunidade, a gente começou a construir o cerco e ele precisa de muita gente. Eu tenho um cerco, meu pai tem, um tio, um primo, outro primo e eu preciso que todos eles trabalhem no meu cerco, por que eu preciso de uma tripulação de no mínimo 3 pessoas em um cerco mais leve, porém o ideal são seis pessoas.

Então, como envolve muita gente e na divisão do lucro metade fica com o dono do cerco e a outra metade repartida pelos tripulantes do cerco, quem trabalha como tripulação acaba ganhando dez por cento do lucro, isso ficou muito desigual né, dono ganhando mais, lógico que ele tem o investimento. Então todos começaram a fazer um cerco e compartilhar o ponto de cerco, mas o ponto e não o cerco em si. Então eu coloco meu cerco que fica de dez a quinze dias na água, depois meu pai coloca, outro primo coloca, e a gente combina o tempo. Lógico que ocorre um pega pra cá e pra lá, por que tem que limpar âncora, recolocar... mas assim foi a maneira que encontramos de manter a pesca, por que eu não vou trabalhar para outro que tem cerco, eu também quero ter cerco. A forma que encontramos foi, eu trabalho essa arriada com você e você trabalha a próxima comigo, e acaba que trocamos os papéis, num momento eu sou dono e noutro eu sou tripulante.

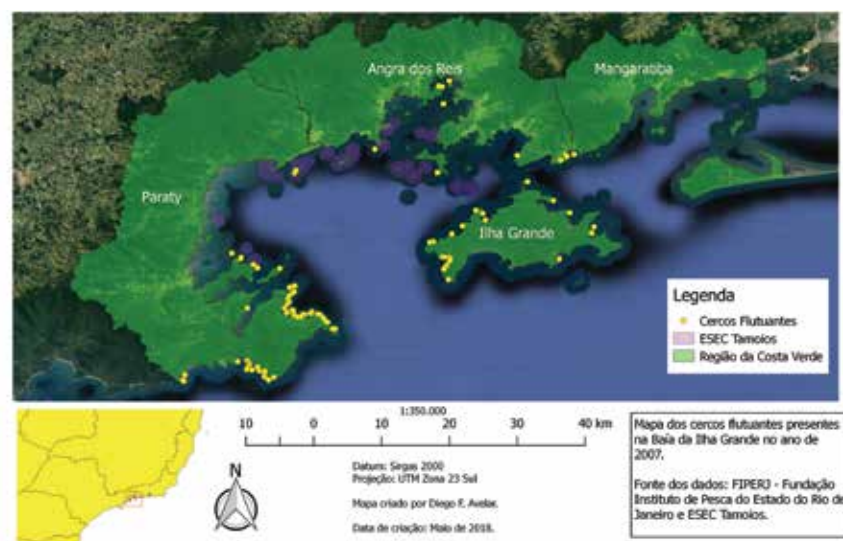
Isso passou a ocorrer em 1995, porém, a partir de 2000 essa forma de atuar ficou mais forte, até percebemos que o número de cercos em Trindade cresceu, diferente do que vem acontecendo em algumas outras comunidades, por exemplo, tem gente que fez cerco agora em 2017, dois novos.

Essa forma de trabalhar no cerco nos ajudou a fortalecer o grupo da comunidade, que refletiu no turismo. Hoje através da associação de barqueiros e pescadores nós temos um sistema que nos permite tanto pescar para comer o peixe aqui, quanto pescar para fazer o turismo de base comunitária, além de facilitar a vida do pescador. Se eu visito o cerco e está cheio de peixe, eu ligo e vão dois a três barcos para ajudar na despesca, depois ajudam a subir o barco e se o dono da rede não estiver na hora o pessoal sobe a rede, é uma parceria e troca muito legal que facilitou nosso trabalho, nos amadureceu enquanto comunidade".

Robson Dias Possidônio – mestre de cerco.

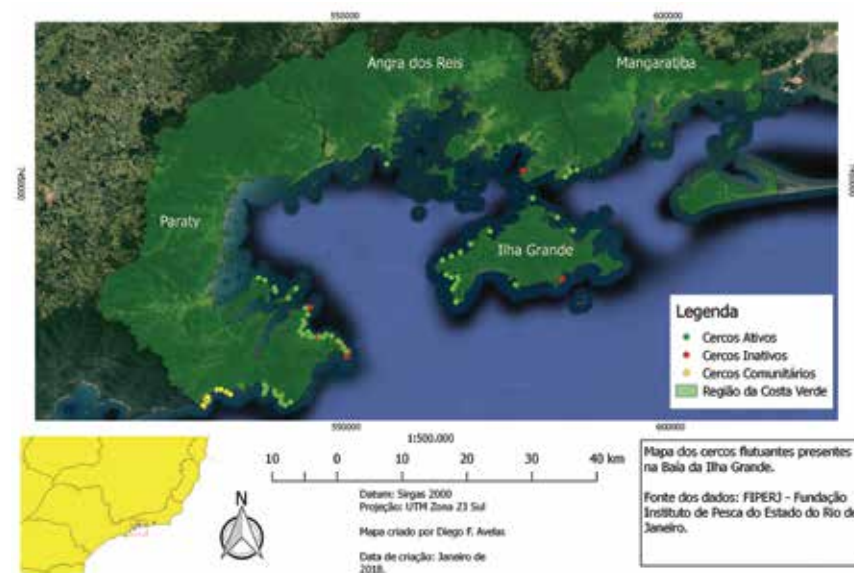
A OCORRÊNCIA DE CERCO NA BIG

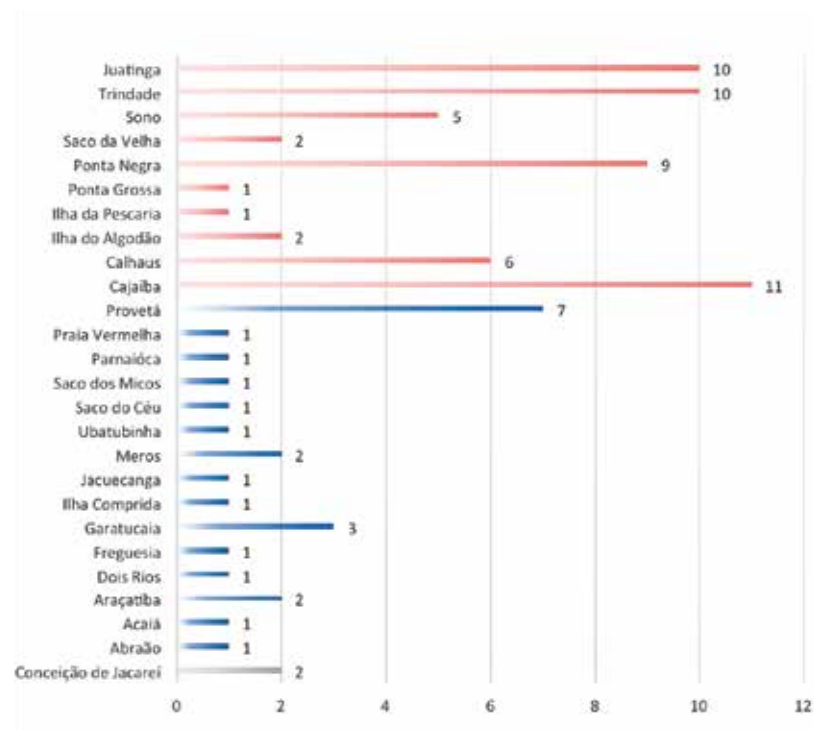
Nos últimos meses do ano de 2007, um levantamento feito pela Câmara Temática de Aquicultura e Pesca no âmbito do Conselho Consultivo da Estação Ecológica de Tamoios apontou a existência de 71 cercos na baía da Ilha Grande. No ano seguinte, a FIPERJ complementou esse estudo, verificando a presença de mais dezoito cercos. Portanto, nos anos de 2007 e 2008, a BIG contava com 91 cercos fixos.

Cercos Flutuantes da Baía de Ilha Grande - Ano 2007

Pontos de cerco fixo
Ano de 2007

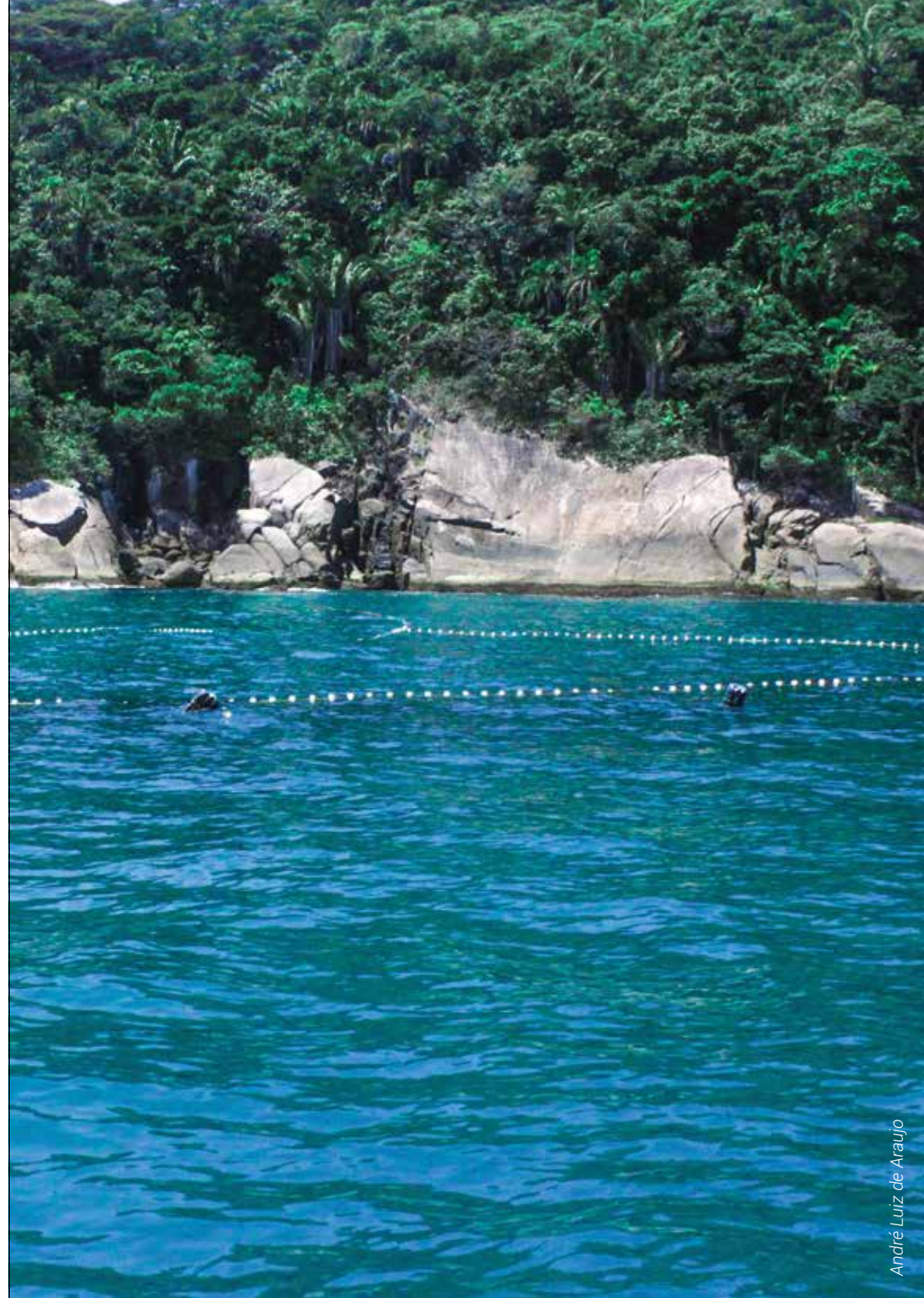
Em dez anos, ocorreu a diminuição de 7 cercos, dos que haviam em 2007-2008.

O inventário atual, realizado em 2017, especificamente para esse trabalho (FIPERJ/ INICIATIVA BIG), registrou 57 pontos de cerco em Paraty, 25 em Angra dos Reis e 2 em Mangaratiba, totalizando 84 cercos em toda a baía da Ilha Grande.

Cercos Flutuantes da Baía de Ilha Grande

Mapa da região da BIG com os pontos de cerco plotados.

Quantidade de cercos por comunidade da BIG.

Barras em vermelho: comunidades de Paraty;
Barras em azul: comunidades de Angra dos Reis;
Barra em cinza: Mangaratiba.

Paraty concentra a maior quantidade de cercos fixos (68%), seguido por Angra dos Reis (30%) e Mangaratiba (2%). Por outro lado, no município de Angra dos Reis, os cercos estão distribuídos em maior número de comunidades (15), sendo a maioria na Ilha Grande (12). Em Paraty, os 57 cercos estão distribuídos em 10 comunidades, concentrados na zona costeira - Cajaíba, Trindade, Juatinga e Ponta Negra. Em Mangaratiba foram identificados dois cercos em Conceição de Jacareí, região limítrofe da baía da Ilha Grande.

André Luiz de Araujo

Senhora Anita Nakazaki Miguel de Jesus, Neta do Sr. Oda, segurando o retrato de sua mãe, filha do Sr. Oda.
Foto: André Luiz de Araujo

UM POUCO DE HISTÓRIA: O BERÇO DO CERCO FIXO FLUTUANTE

No Brasil, o cerco fixo flutuante teria sido trazido por imigrantes japoneses por volta de 1920, como relatou a antropóloga Gioconda Mussolini (1946), tendo o município de Ilhabela, litoral norte de São Paulo, como berço da arte de pesca.

A antropóloga conta ainda, que Kuzi Hamab chegou ao Brasil em 1919, indo para Cabo Frio – RJ, mudando-se logo depois para a Ilhabela – SP, construindo o primeiro cerco no Sombrio. Segundo suas informações, o introdutor do cerco de Paraty aprendeu a arte com ele.

Outros dois pesquisadores Ivan Ricardo e Ricardo Papu relataram em 2012, como o cerco chegou em Paraty:

> *Em conversa informal com Olímpio Elesbão, "Seu Olímpio", um dos mais antigos moradores da Ponta da Juatinga, outra localidade da região de Paraty, conta a história de um japonês chamado Oda que em 1943 se refugiou na Juatinga para fugir dos grandes centros já que o Brasil estava em guerra contra o Japão e trouxe consigo o cerco flutuante*
>
> *(A pesca tradicional de uma comunidade caiçara. Ivan Ricardo e Oliveira Pires e Ricardo Papu Martins Monge, 2012)*

Passados cerca de 75 anos desde que o primeiro cerco fixo flutuante foi instalado despertando o interesse e fascínio dos caiçaras paratienses, descendentes do Sr. Oda ainda permanecem na comunidade do Calhaus – Paraty, utilizando essa arte de pesca.

O mestre de cerco Sr. Domingos, da praia de Próvetá - Ilha Grande confirma o relato do Sr. Olímpio Elesbão, sendo a técnica posteriormente levada para a comunidade de Provetá:

Quem trouxe o cerco para Paraty, o primeiro cerco, foi o Sr. Oda, que instalou na Juatinga. Quem trabalhou com o japonês aprendeu e "espalhou" pela baía da Ilha Grande, meus tios e meu pai trabalharam com ele e aprenderam".

Sr. Domingos – mestre de cerco – Provetá

Ainda relata a chegada do cerco na Ilha Grande o Almir da Silva, morador da praia Vermelha e mestre de cerco:

Passado cerca de um século da introdução do cerco pelos imigrantes japoneses, a forma original de confecção da rede já não existe. Cada pescador fez sua adaptação. Segundo eles, sempre há um segredo na feitura que não é passado para o próximo aprendiz. O saber sobre o fabrico e prática do cerco é uma tradição e uma arte.

Luiz Eduardo de Araujo

Um documento que reconhece e autoriza a instalação de cerco, datado de 18 de outubro de 1956, da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro. Porém, desde então, nenhuma outra entidade reconheceu o cerco como uma arte de pesca, estando até os dias de hoje, sem nenhum tipo de regramento legal.

Documento de permissão para instalação de cerco fixo em Trindade - Paraty

Verso do documento.

Abaixo, transcrição do documento original:

RESOLVE,

Conceder permissão ao Sr. BARNABÉ RAMOS DE OLIVEIRA, pescador profissional matriculado sob o número 912 na Capitania dos Portos de Parati, para instalar um cerco flutuante no local denominado PONTA DO CASSUEIRO, próximo da praia do Caxada, no Município de Parati, no Estado do Rio de Janeiro.

Divisão de Proteção aos Recursos Naturais, em Niterói, 18 de outubro de 1956.

UMA ARTE DE PESCA SUSTENTÁVEL

Dentre todas as artes de pesca empregadas para captura em volume, o cerco fixo pode ser classificado como uma das mais sustentáveis pescarias, pelo fato de ser um método passivo, em que o peixe vai ao encontro do petrecho permanecendo vivo dentro da armadilha até o momento da despesca e também seletivo, pois os pescadores praticam a soltura daqueles que não apresentam valor, tamanho comercial desejável ou que não sejam alvo de consumo. Os pescadores utilizam de sarricos ou empurram o peixe até a "beirada" da rede para que eles saiam sozinhos.

Outro fator a ser considerado é que o petrecho não é utilizado o ano todo. No período de inverno a rede é retirada, pois as condições do mar ficam inadequadas para pescaria.

Cardume de olho de cão cercado e sendo preparado para soltura.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Peixes sendo retirados vivos da rede por sarricos.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Olho de cão sendo solto.
Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Virada da rede para soltura do peixe pequeno. Um exemplo de respeito e sustentabilidade da arte de pesca. Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Foto: Luiz Eduardo de Araujo

Atualmente a baía da Ilha Grande abriga 84 pontos de cerco flutuante, que são utilizados de forma sustentável por comunidades caiçaras e pescadores artesanais.

FICHA TÉCNICA

Realização
Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro – FIPERJ
Diretor Presidente: Glauco Souza Barradas
Diretor Técnico: Pedro Paulo Menezes de Oliveira Carvalho
Coordenador de Pesca Marítima: Ana Helena Varella Bevilacqua
Coordenador de Extensão: Maria de Fátima Moraes Valentim
Coordenador de Aquicultura e Pesca Interior: Jandyr de Almeida Rodrigues Filho

Equipe Técnica
André Luiz de Araujo – Analista de recursos pesqueiros
Fausto Silvestri – Extensionista
Genaro Barbosa Cordeiro – Extensionista
Lígia Coletti Bernadochi - Extensionista
Murilo Antonio Oliveira Thuller - Extensionista
Paulo Marcio Santos Costa - Pesquisador
Sandro Ricardo da Costa – Extensionista
Tiago Oliveira Menezes – Analista de recursos pesqueiros

Fotografias
Luiz Eduardo de Araujo
Paulo Márcio Santos Costa
Aline Lamoia
Boris Mercado (Projeto: No tempo do Dashicô / IPHAN)
André Luiz de Araujo

Direção de Arte
Eduardo Sardinha

Projeto Gráfico/Editoração
Patricia Millan

Luiz Eduardo de Araujo

AGRADECIMENTOS

Às instituições:

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, nas pessoas:
Tiago de Carvalho Franca Rocha - Gerente de Projeto – FAO
Monique dos Santos Dias – Assistente de Projeto
Alan Bojanic - Representante da FAO no Brasil
Luis Dias Pereira - Leader Team Unit - FAO
Luc Dubreuil - Leader Team Unit (retired)- FAO
Marcello Broggio - Programme Officer - FAO
Tiago Queiroz - Operations Manager

INEA – Instituto Estadual do Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, nas pessoas:
Helen Norões Rolim - Coordenadora Nacional de Projeto
Silvia Marie Ikemoto - Diretora Nacional de Projeto

CERTI - Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras, nas pessoas:
Diego Jacob Kurtz - Fundação CERTI
Marco Da-Re - Fundação CERTI
Juliane Castro Carneiro - HUB - Fundação CERTI

Ao Gef – Fundo Global para o Meio Ambiente.

À Cartografia Social de Trindade

Às pessoas
Amanda Hadama, Lucila Pinsard, Jadson da comunidade da praia do Sono Titinho da comunidade da praia Grade da Cajaíba, Anna Cecília Cortines, aos mestres de cerco da baía da ilha Grande: Almir da Silva, Domingos da Silva, Anésio Lisbão, Osmar Pimenta (Taco), Silvio Lisbão, Jair Santos Raimundo, Nelson Moreira, Valdecir da Costa, Jorge Valdecir Tavares, Paulo Roberto Ferreira Tavares, Marcos Assis Pereira, Marcinho – praia de Parnaioca, Fabinho – praia de Provetá, Dilner de Jesus, Messias de Araújo, Vando de Oliveira, Altamiro dos Santos, Ademar Villela dos Santos (Cacaio), Alef Altamiro dos Santos, Francisco Carlos Lopes de Oliveira, Pedro Fidélis dos Santos de Oliveira (Seu Damásio), Valdeci da Conceição e seu irmão Carlos da Conceição, Secundino de Jesus, Ailton Antônio da Silva (Pataca), Valmor dos Santos Almeida e Sr. Cecílio (seu pai), Romildo Eugênio, José Villela Machado, Leontino de Araújo Conceição, José Generoso da Silva, Nejo Abílio de Souza, Norival José Elesbão (Seu Váva), Carlos Luiz dos Santos, Antônio Silvio de Sousa Matos, Celso Ferreira Jordão, Álcio Mendes Lopes, Benedito Carlos da Conceição, Cesar Roberto Leal Luis, Getúlio – praia do Sono, Eni – praia do Sono, Irenio Albino Alziro, José de Araujo (Juca), José Luis Lopes Coelho, Felipe – praia de Ponta Negra, Adilson – praia de Ponta Negra, LeLey – praia de Ponta Negra, Eliseu – praia de Ponta Negra, Jorge Vilela da Conceição (Bob), Martinho praia de Ponta Negra, Valdeci – praia de Antiguinhos, Nael – praia de Antiguinhos, Juarez – praia de Ponta Negra, Agnaldo do Carmo, Noé Inácio Brienza Pereira Lopes, Norival Possidônio, Celso dos Santos, Valdecir Cardoso do Carmo, Robson Dias Possidônio, Samuel Alves de Amorim, Edivaldo Cardozo do Carmo, Kleber Gustavo Priolo Martins, Lindonaldo da Silva Almeida, aos demais mestres e tripulantes de cerco fixo e a Sra. Anita Nakazaki Miguel de Jesus – Neta do finado Oda.

O que se conservou original
foi a faina da pesca, as visitas diárias,
a forma de "colher a rede" para levar o peixe até o "sacador"
e puxar para dentro da canoa,
a soltura do peixe pequeno e sem valor comercial,
enfim, a arte artesanal de captura do
Cerco Fixo Flutuante.

Luiz Eduardo de Araujo